

## MITO E HISTÓRIA NO CAMPO DE BATALHA: APROPRIAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DO PASSADO PELO MEDIEVO E COMO HISTÓRIA NACIONAL

Elton Oliveira Souza de Medeiros<sup>1</sup>

Doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo

Recebido 29/01/2014

Aprovado 26/10/2014

**Resumo:** Neste artigo iremos abordar a importância do passado para os ideais e anseios da sociedade que o interpreta e como ela o altera de maneira a adequá-lo aos propósitos de sua época. Para esta tarefa, utilizaremos o poema *A Batalha de Maldon* que relata a batalha ocorrida na Inglaterra no ano de 991 d.C. entre anglo-saxões e vikings. Analisaremos de que maneira o poema poderia ser compreendido pelo público medieval, destacando seu aspecto heroico e moralizante dentro dos ideais sócio-políticos da sociedade anglo-saxônica. Enquanto no século XIX a mesma obra será apropriada pelo ideal nacionalista oitocentista, através do ideal heroico cavaleiresco de sacrifício pessoal em nome da pátria.

**Palavras-chave:** Sociedade – Mito – Literatura.

### MYTH AND HISTORY IN THE BATTLEFIELD: APPROPRIATION AND INTERPRETATION OF THE PAST BY THE MEDIEVAL PERIOD AND AS NATIONAL HISTORY

**Abstract:** In this article we will discuss the importance of the past to the ideals and aspirations of a society which interprets it and how that society modifies it as a way to adapt it to the purposes of its own age. For this task, we will use the poem *The Battle of Maldon*, which describes the battle that took place in England in the year of 991 AD between Anglo-Saxons and Vikings. Examining how the poem could have been understood by the medieval audience, highlighting its heroic and moral characteristics for the socio-political ideals of Anglo-Saxon society. While in the nineteenth century the same text will be appropriated by the nationalistic ideal, through the heroic chivalric ideal of personal sacrifice on behalf of the motherland.

**Keywords:** Society – Myth – Literature.

### Introdução

A relação entre mito e história não é nenhuma novidade dentro do mundo acadêmico. Muito pelo contrário, proliferam discussões a respeito desse relacionamento e sua importância para as sociedades humanas ao menos desde finais do século XVIII e XIX, com a constituição formal da História como disciplina no meio acadêmico. Contudo, sem que haja um real consenso sobre o assunto. Mas o que seria *mito*? A nosso ver, um dos principais problemas está na terminologia e o que esta vem a representar. O termo *mito* possui um significado extremamente diversificado para públicos e pessoas diferentes. Ele pode cobrir uma gama

<sup>1</sup> Email: eosmedeiros@hotmail.com. Endereço de correspondência: Av. Rebouças, 399, ap. 81, São Paulo – SP – CEP: 05401-000 – Brasil.

extensa que vai desde formas de “narrativas sagradas” ou “formas máximas de verdades” até “falsas ideias” e a pura e simples “mentira”. Dentro do âmbito acadêmico, sua utilização está geralmente relacionada a uma conotação neutra, uma tipificação de narrativas sobre deuses, heróis e acontecimentos de grande importância, que remetem a um passado distante e que, interpretados como realidade, serviriam para explicar características importantes do mundo conhecido pelos indivíduos dentro do campo das mentalidades e sensibilidades do grupo. Apesar de aparecer em estudos literários e históricos (entre outros), ainda assim sua definição não chega a ser totalmente clara, muitas vezes se aproximando de conotações psicológicas jungianas; nas quais o *mito* acabaria se referindo a arquétipos e a narrativas carregadas de mensagens e funções modelares. Geralmente relacionadas a obras de caráter mais artístico, como a poesia, por exemplo, onde tais elementos ganhariam dimensões universais.

No presente trabalho, por *mito* caracterizamos toda construção que, por diversas formas, acaba por se incorporar à cultura e tradição de um grupo. Construções que buscam uma explicação a respeito da natureza, das origens do grupo, da ordem vigente, e uma forma de modelo social a ser seguido, cuja estrutura se baseia numa relação entre o passado e o presente, eventos *in illo tempore* e *in hoc tempore*.<sup>2</sup> Em que, devido a um evento *A* ter ocorrido no passado, é realizado/pensado/ experimentado *B* no momento presente. Assim, há uma relação entre o passado e o presente de forma intrínseca. Como, por exemplo, dentro da hermenêutica cristã, onde os eventos narrados no Velho Testamento são interpretados como anunciadores do Novo Testamento e personagens importantes – como Moisés, David e o profeta Elias – prenunciadores de Cristo.<sup>3</sup>

Podemos dizer que, até o século XIX, o termo *mito* designava especificamente tudo aquilo que seria avesso à História: o fabuloso, fantástico, utópico. Entretanto, essa imagem se transformou, sendo então aceito tal qual era compreendido pelas sociedades arcaicas, onde o *mito* designa na verdade uma “história verdadeira” e, assim sendo, extremamente preciosa por seu

---

<sup>2</sup> NILES, John D. Maldon and Mythopoesis. In: LIUZZA, R. M. **Old English Literature**. New Haven: Yale University Press, 2002. p. 448.

<sup>3</sup> AUERBACH, Erich. **Figura**. São Paulo: Ática, 1997. p. 26-64.

caráter sagrado, exemplar e significativo.<sup>4</sup> E muitas vezes atrelado a esse conceito de *mito* encontramos também a ideia da construção de um registro, uma história (propriamente dita) oficial, que aponte supostas origens e realce os valores e virtudes de uma ou outra sociedade.<sup>5</sup> Um bom exemplo disso pode ser encontrado na Europa do século XIX, quando temos uma nova valorização do passado histórico de Estados-nacionais. Essa busca pelo passado sobrevive nas sociedades europeias na busca de uma “origem nobre”, “heroica”, “primordial”; ao se empreender uma inovação, esta era concebida, ou apresentada, como um “retorno às origens”.<sup>6</sup> Na Alemanha, por exemplo, há o resgate de seu passado germânico, que mais tarde é apropriado para a construção do “mito ariano”. A Reforma inaugurou o retorno à Bíblia e ambicionava reviver a experiência da Igreja primitiva, ou mesmo das primeiras comunidades cristãs. A Revolução Francesa tomou como paradigmas os romanos e os espartanos; “*Temos nossa origem em Roma!*, repetiam com orgulho os intelectuais romenos dos séculos XVIII e XIX.”<sup>7</sup> E nos Estados Unidos, uma das primeiras proposições para a composição do selo nacional estamparia – ao invés da conhecida águia careca norte-americana – as imagens dos lendários líderes anglo-saxônicos Hengest e Horsa, por simbolizarem a herança étnica e política do povo americano, segundo afirmava Thomas Jefferson.<sup>8</sup>

Outro ponto importante a se destacar é que esta busca por um passado legitimador não estaria restrita a mitos nacionais e grandes grupos sociais como um todo. Na modernidade, em organizações e grandes empresas, é possível detectar essa mesma busca por mitos fundadores com ambições hegemônicas de controle de mídia e mercado. Com instrumentos e signos para a elaboração de tais mitos fundadores que seguem praticamente os mesmos moldes que podemos encontrar nos estudos de casos nas sociedades arcaicas ou do século XIX. Ainda que utilizado dentro de um novo âmbito legitimador, a construção mítica dentro da modernidade do mundo das grandes empresas continua a utilizar de elementos “sagrados” e ideais que remetem ao público o mesmo sentimento ou a mesma

---

<sup>4</sup> ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2002. p. 7-8.

<sup>5</sup> *Ibidem*, p. 156.

<sup>6</sup> *Ibidem*, p. 157-158.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 157.

<sup>8</sup> GEARY, Patrick J. **O Mito das Nações**. São Paulo: Conrad, 2005. p. 17.

função de identificação que os mitos da Antiguidade e Medieval causavam àquelas sociedades.<sup>9</sup>

Neste artigo, como objeto de estudo – ou como um “estudo de caso” – iremos analisar este tipo de processo de construção de narrativa e discurso histórico por meio de uma das obras mais conhecidas da história inglesa. Trata-se do poema: *A Batalha de Maldon*. Através dessa obra iremos analisar dois fenômenos. Veremos os elementos ligados aos conceitos de heroísmo e lealdade presentes em sua composição e a importância disso para a Inglaterra do final do século X e início do XI, e como no século XIX uma nova interpretação surge entorno da mesma obra, como um símbolo de sacrifício patriótico da sociedade vitoriana. A partir disso, iremos observar como uma mesma fonte pode possuir significados diferentes para sociedades de épocas distintas. Como a descrição da trágica batalha dos anglo-saxões frente aos vikings em 991 possui um significado extremamente importante em seu discurso ao refletir anseios sociais da Inglaterra medieval; mas que posteriormente será apropriado pelos oitocentistas, reconstruindo sua simbologia para atender as necessidades ideológicas de sua própria época.<sup>10</sup>

### **Tucídides Mítico-Histórico**

No século XIX, além do resgate dos passados históricos nacionais, a cultura da Antiguidade Clássica também era de grande influência na sociedade europeia de forma geral. Havia mesmo um paralelo por parte da intelectualidade inglesa entre

---

<sup>9</sup> A questão da utilização de aspectos míticos na modernidade – especificamente relacionado às empresas – é esplendidamente analisada por Ann Rippin e Peter Fleming, ao fazerem um paralelo entre os mitos fundadores nacionais contidos na *Eneida* de Virgílio e sua relação com Roma e o personagem de Brutus e sua relação com o mito fundador britânico. A partir disso, da identificação dos elementos míticos fundadores de cada um dos casos, os pesquisadores estabelecem os mesmos modelos à modernidade e identificam os mesmos elementos e características dos mitos latino e medieval na construção mítico-histórica do passado de empresas modernas (em um estudo de caso das empresas Mark & Spencer, Nike e Starbucks), mas que, ao invés de legitimação política ou religiosa, buscam legitimação e autonomia visando hegemonia de mercado frente a seus concorrentes (cf. RIPPIN, Ann; FLEMING, Peter. Brute force: Medieval foundation myths and three modern organizations' quests for hegemony. **Management & Organizational History**, n. 1, v. 1, p. 51-70, 2006).

<sup>10</sup> Para uma visão mais aprofundada da relação entre mito, história e literatura entre as fontes documentais da Inglaterra anglo-saxônica ver: NILES, John D. **Homo Narrans: The Poetics and Anthropology of Oral Literature**. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1999; FRANTZEN, Allen J.; NILES, John D. **Anglo-Saxonism and the Construction of Social Identity**. Gainesville: University of Florida Press, 1997; LERER, Seth. **Literacy and Power in Anglo-Saxon Literature**. Lincoln: University of Nebraska Press, 1991; MEDEIROS, Elton O. S. *Her mon mæg giet gesion hiora swæð*: Uma breve história sobre os estudos anglo-saxônicos. **Brathair**, n. 12, v. 2, p. 31 – 44, 2012.

o mundo grego clássico do século V a.C. e a Inglaterra do século XIX, no que dizia respeito à noção de civilização, progresso e cultura.

No âmbito da clássica academia britânica, os mitos gregos eram encarados por um viés muito mais estético (literário e artístico) do que propriamente de forma cultural ou mesmo religiosa. Enquanto isso, a figura de Tucídides despontava dentro desse meio como a imagem do historiador por excelência, ao ser visto como um ícone do pensamento científico por sua postura adotada em separar o mítico do histórico; o que proporcionará um importante grupo de historiadores tucididianos não só na Inglaterra, mas também entre os alemães nesta mesma época.

Entretanto, Thomas Macaulay,<sup>11</sup> em 1824, discordava desta exaltação tucidiana de seus colegas dizendo que Tucídides não seria mais importante para a História que Aristóteles e Platão (uma vez que eles também tratavam da História sob o aspecto do cotidiano, costumes, etc.). Além disso, Macaulay se referia à História como uma forma de literatura, uma “arte virtuosa”, por acreditar que esta possuía elementos de razão e imaginação: a História teria princípio como romance e terminaria como um ensaio, logo, sendo a fusão da razão e da imaginação. Apesar das ideias de Macaulay, foi apenas na virada do século que o “método científico” de Tucídides voltaria a ser questionado de forma mais apropriada.

Em 1907, Francis McDonald Cornford publica seu livro intitulado *Thucydides Mythistoricus*.<sup>12</sup> Nesse livro, Cornford estabelece uma relação entre mito e história e argumenta acerca da incapacidade de Tucídides enxergar a realidade de forma “científica” – como defendido pelos acadêmicos no século XIX – visto que ele estaria compondo uma narrativa segundo padrões de sua época, ou seja, de forma artística: a História como tragédia (semelhante ao estilo retratado por Ésquilo). Desta forma, o que Cornford demonstrava era que Tucídides não teria sido um historiador dito “racional” ou “científico”, mas sim um “mito-historiador” a exemplo de Heródoto. O ponto principal que supostamente diferenciaria Tucídides de Heródoto seria o fato de que, em seu método, Tucídides excluiria o mítico e o

---

<sup>11</sup> Lord Macaulay, 1º Barão de Macaulay (1800-1859), político, poeta e historiador.

<sup>12</sup> CORNFORD, Francis M. **Thucydides Mythistoricus**. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1965.

fantasioso da narrativa; enquanto que Heródoto levaria em conta tais elementos em seu trabalho.<sup>13</sup>

Tomemos como exemplo a Guerra do Peloponeso e a seu lado a Guerra de Tróia e a invasão persa. Referente a isso, segundo a tradicional argumentação acadêmica britânica oitocentista, teríamos a falta de cuidado por parte de Heródoto na apuração dos eventos ocorridos, tornando sua obra detentora de aspectos mais artísticos e poéticos. Diferentemente do trabalho de Tucídides. Contudo, para Cornford, por mais apurado que o método de Tucídides fosse, a “verdade” sempre seria e é alterada de alguma maneira. Seja por motivações pessoais, do Estado, da religião, da moral, por motivações políticas etc., a História acabaria por ter a imaginação como molde. O que nos leva à ideia não apenas sobre o debate histórico e a construção de um discurso “científico” do mesmo, mas também ao conceito de “mnemohistória”; i.e. a história como ela é “lembrada” e não como teria “ocorrido de fato”.<sup>14</sup> O que nos remete novamente a ideia do mito – seguindo a ideia de Mircea Eliade mencionada anteriormente – atrelado a uma “origem nobre e primordial”, como modelo à sociedade; e, de acordo com o pensamento de Rousseau, a respeito da História como forma de fomentar valores nobres e modelares para o homem: “*By Arthur, said Tennyson, I always meant the soul, and by the Round Table the passions and capacities of man*”.<sup>15</sup>

A partir de tal debate, Cornford elabora dois conceitos importantes: “infiguração” (*infiguration*) e a “invenção” (*invention*). A primeira sendo a adaptação ou a distorção de certos fatos, de modo que estes se encaixem melhor à História. Já a segunda, a criação de algo novo para suprir uma lacuna na História (segundo Cornford, esta surgiria na forma de uma anedota, uma fala ou discurso mais eloquente ou algo que sirva de ilustração para a narrativa principal do texto).

Para o método tucididiano, então, bastaria a eliminação de elementos míticos e fantásticos para se criar o verdadeiro discurso histórico. Entretanto, Tucídides, apesar de suas críticas ao mítico e sobrenatural, e aos erros factuais de

---

<sup>13</sup> Argumentos que nos levam a crer na influência do pensamento hegeliano, referente à construção e a problemática da narrativa histórica – especificamente envolvendo Tucídides –, na obra de Cornford. Cf. WHITE, Hayden. **Meta-História: A Imaginação Histórica do século XIX**. São Paulo: EDUSP, 1995. p. 95 – 144.

<sup>14</sup> HANEGRAAFF, Wouter J. **Western Esotericism**. Nova York: Bloomsbury, 2013. p. 46 – 47.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 131.

Heródoto (por exemplo), inevitavelmente deixa estar presente o aspecto dramático em sua obra, o que acaba por fazer parte de seu estilo histórico. Seria neste ponto em que ele se aproximaria de Heródoto. Um exemplo desse estilo dramático em ação seria na descrição da batalha nas Termópilas, relatado por Heródoto. Podemos dizer que a influência do Destino na morte de Leônidas em prol de Esparta ilustra bem o aspecto dramático da narrativa. Tanto no caso de Tucídides quanto em Heródoto, temos a História servindo para enaltecer algo além de simplesmente relatar os eventos ocorridos. Um exemplo interessante para observar como o mito e a história não são elementos antagônicos, pelo contrário, mas se mesclam muitas vezes de forma simbiótica.

A ideia da narrativa histórica como forma de exemplo modelar – e em especial quando detentor de um aspecto mítico – acaba sendo muito importante para a compreensão de uma dada cultura e sociedade. Podemos encontrar exemplos disso em diversas outras tradições além dos âmbitos da cultura grega. Dentro desse quadro de uma construção mítico-histórica que usa de “infigurações” e “invenções” para a elaboração de seu discurso histórico uma das figuras que se destaca com frequência é a figura heroica. Ela pode se apresentar ora como messias, ora como santo, ora como amante, entre outros.<sup>16</sup> Entretanto, há uma das formas talvez mais comuns dela se apresentar, que seria como o guerreiro. A imagem do guerreiro, muitas vezes como líder, seja como rei ou comandante, agrega as características de uma história de buscas às origens de uma sociedade, de valores modelares, de “infigurações” e “invenções” de uma narrativa mítico-histórica. E é na narrativa de Heródoto que encontramos um evento e uma personagem que nos servem perfeitamente como exemplos do arquétipo heroico: Leônidas, rei de Esparta na batalha das Termópilas.

### **Heroísmo Clássico**

Durante o século XIX, como já abordado, ocorre uma releitura por parte das nações europeias de sua bagagem histórica e mítica numa busca de enaltecer seu passado e de legitimação do presente. Para tanto, figuras lendárias – por sua

---

<sup>16</sup> CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Cultrix, 2000. p. 306-347.

importância simbólica – tornam-se ícones dessas sociedades. E uma das imagens mais frequentemente encontradas é justamente a do herói. Figura ímpar em meio ao mundo em que vive, ele é o elo entre o efêmero e o eterno, o mediador entre o humano e o divino. Vamos nos ater a uma de suas facetas: à imagem do herói como guerreiro.

Em sua obra, *História*, Heródoto aborda um dos principais acontecimentos da história grega: a guerra contra os persas. Como vimos através de Cornford, tanto Tucídides quanto Heródoto estariam atrelados a um estilo dramático, típico de sua época, ao comporem suas obras. No sétimo livro da *História*, intitulado como *Políminia*, Heródoto descreve o desfiladeiro de nome Termópilas: “Então o rei Xerxes estava acampado em Malis, na Traquinia, e os helenos no desfiladeiro; esse lugar é chamado Termópilas pela maioria dos helenos, mas para os habitantes da região e seus vizinhos seu nome é Pilai”.<sup>17</sup> O relato segue nos informando a respeito do número de homens posicionados na região e sua procedência e no parágrafo 203 encontramos um sinal do estilo dramático-histórico ao se referir à figura de Xerxes:

203. (...) eles nada tinham a temer, pois a Hélade não estava sendo atacada por um deus, e sim por um homem; nunca houve e jamais haverá um mortal a quem desde a hora de seu nascimento não acontecessem desventuras, e quanto maiores os homens, maiores as desventuras (...).<sup>18</sup>

Em obras poéticas épicas, é marcante a presença de máximas desse gênero que trazem reflexões sobre o mundo e a condição humana. Entretanto, lembrando que estamos tratando do que seria uma obra histórica, isso reforçaria a influência dramática do texto. Heródoto continua sua narrativa até que finalmente chegamos à personagem principal do episódio das Termópilas:

204. Todos os contingentes de tropas tinham à sua frente comandantes separados para cada povo, mas o mais importante, o comandante-em-chefe de todo o exército, era o lacedemônio Leônidas filho de Anaxandrides filho de Léon filho de Euricratides filho de Anáxandros filho de Euricratides filho de Polídoros filho de Alcámenes filho de Têlectos filho de Arquêlaos filho de Hegesílaos filho de Doriscos filho de

---

<sup>17</sup> HERÓDOTO. *História*. Brasília: Universidade de Brasília, 1988. p. 397.

<sup>18</sup> *Ibidem*, p. 397.



Leobotes filho de Equêstratos filho de Ágis filho de Euristenes filho de Aristôdemos filho de Aristômacos filho de Cleôdaios filho de Hilos filho de Hércules (...).<sup>19</sup>

A forma como Leônidas é introduzido é típica do modelo de legitimação que busca ressaltar sua importância na narrativa ao vincular a personagem a uma origem mítica, sobrenatural. O mesmo pode ser encontrado na Inglaterra da Alta Idade Média, dos tempos anglo-saxônicos (séculos V – XI), na *Crônica Anglo-Saxônica*. No registro do ano 597 a *Crônica* nos diz sobre Ceolwulf, que teria iniciado seu reinado na região de Wessex (sul da Inglaterra), e que seria: “filho de Cutha, filho de Cynric, filho de Cerdic, filho de Elesa, filho de Esla, filho de Gewis, filho de Wig, filho de Freawine, filho de Freothogar, filho de Brand, filho de Bældæg, filho de Woden”.<sup>20</sup> Mais tarde, por volta de 855-858, surge a primeira linhagem que combina sua origem divina com uma tradição cristã e, mais uma vez, isso se dá com a casa de Wessex:

(...) Cenred, filho de Ceowold, filho de Cutha, filho de Cuthwine, filho de Ceawlin, filho de Cynric, filho de Creoda, filho de Cerdic. Cerdic era filho de Elesa, filho de Esla, filho de Gewis, filho de Wig, filho de Freawine, filho de Freothogar, filho de Brand, filho de Bældæg, filho de Woden, filho de Frealaf, filho de Finn, filho de Godwulf, filho de Geat, filho de Tætwa, filho de Beaw, filho de Sceldwa, filho de Heremod, filho de Itermon, filho de Hathra, filho de Hwala, filho de Bedwig, filho de Sceaf, i.e. filho de Noé. Ele nasceu na arca de Noé. Lamech, Methuselah, Enoch, Jared, Mahalaleel, Cainan, Enos, Seth, Adão o primeiro homem e nosso pai, i.e. Cristo. (Amém.)<sup>21</sup>

Tanto no caso de Leônidas quanto dos reis saxões ocorre à elaboração de uma referência mítica fundadora como forma de legitimação e de poder. Neste último caso, inicialmente uma ancestralidade dos tempos pagãos e posteriormente uma adaptação evemerista da genealogia em prol de uma adequação ao contexto da tradição cristã.

---

<sup>19</sup> Idem.

<sup>20</sup> WHITELOCK, Dorothy. **The Anglo Saxon Chronicles**. Londres: Eyre & Spottswode, 1961. p. 14. Todas as traduções da *Crônica Anglo-Saxônica* para o português foram baseadas na edição de Whitelock e são de nossa autoria). A referência a Woden claramente indica a intenção de atrelar a linhagem do rei de Wessex a uma origem divina, uma vez que o Woden dos anglo-saxões é o mesmo deus Odin dos escandinavos. Tais construções genealógicas são uma das características que podem compor a imagem heroica e como parte de mitos de origem e/ou fundadores. Talvez um dos melhores exemplos disso esteja na Bíblia, sobre a linhagem de Jesus descrita em Mateus 1: 1 – 17.

<sup>21</sup> Ibidem, p. 44.

Esses elementos míticos podem ser vistos na narrativa de Heródoto, como quando ele cita a profecia que teria sido revelada a Leônidas no parágrafo 220, onde fica claro que com sua morte Esparta prevaleceria. Com o desenrolar do episódio da batalha das Termópilas, não apenas Leônidas, mas também seus 300 espartanos são tratados de forma extremamente honrada e reverenciados por Heródoto. Claramente nos demonstrando – usando os conceitos de Cornford – uma construção e elaboração de falas e situações por parte de Heródoto.

209. (...) Fica sabendo, então: se venceses esses homens, Rei, e os que ficaram em Esparta em sua retaguarda, nenhum outro povo entre os homens jamais te enfrentará de armas na mão, pois agora marchas contra o reino mais nobre de toda a Hélade e contra os homens mais valentes.<sup>22</sup>

226. (...) ouvindo um dos traquínios dizer que, quando os bárbaros disparavam os arcos, o sol era ocultado pela enorme quantidade de suas flechas – tão grande era o seu número – ele, sem se perturbar e sem dar a menor importância à imensidão de tropas medas, teria dito que a notícia trazida pelo estrangeiro de Traquis era excelente, pois se os medos escondiam o sol os helenos iriam combatê-los à sombra, e não ao sol.<sup>23</sup>

Todos esses aspectos nos fazem perceber como Heródoto se utilizou da história e introduziu um aspecto mítico. Com o episódio das Termópilas, mesmo com a derrota grega, Heródoto narra uma história modelar àqueles que viessem a conhecê-la. A resistência de Leônidas aos persas é carregada de valores exemplares a serem seguidos. Mesmo frente ao destino inexorável, eles se mantiveram firmes em sua decisão de permanecer e lutar. Sendo derrotados apenas em função da traição de um dos gregos – episódio que também carrega claros elementos da narrativa heroica e mítica: um rei bravo e honrado que escolhe a morte a entregar seu povo ao invasor, guerreiros valorosos que não abandonam seu líder, oposto à covardia e a traição de Ephialtes que mostra aos persas o ponto fraco da defesa espartana. Podemos ver que na imagem de Leônidas encontramos essa personificação do herói através de uma narrativa que mescla elementos míticos – no sentido de possuir qualidades construídas e introduzidas pelo autor –

---

<sup>22</sup> HERÓDOTO. **História**. Brasília: Universidade de Brasília, 1988. p. 399.

<sup>23</sup> *Ibidem*, p. 404.

com eventos históricos, criando uma narrativa detentora de um discurso modelar a ser incorporado à tradição de sua época.

### **Heroísmo Cavaleiresco**

Através do modelo elaborado por Cornford de “infiguração” e “invenção” podemos ver como um modelo mítico-histórico pode ser construído. Assim como nas obras de Tucídides e Heródoto – seguindo o método de Cornford – a Inglaterra do século XIX também passa a criar o seu próprio passado mítico para legitimar o presente oitocentista. A exaltação da cultura clássica era muito presente no mundo acadêmico e artístico do período. Contudo, a exemplo de outras nações do Continente, também ocorre o resgate do passado nacional. Ao longo do XIX – principalmente durante o período vitoriano – ocorre uma maior valorização do passado céltico, como uma forma de se criar uma suposta identidade nacional da Grã-Bretanha como um todo. É o momento, por exemplo, em que a figura icônica do rei Artur e demais personagens do mesmo ciclo de narrativas lendárias ganham maior destaque, como símbolo de um passado comum aos britânicos, representante das mais altas qualidades da sociedade cavaleiresca oitocentista. Em contrapartida, isso fez com que o passado anglo-saxão ficasse em segundo plano (com a exceção de apenas alguns eventos e personalidades), uma vez que este só diria respeito aos ingleses propriamente ditos. Como consequência desse fenômeno, os estudos anglo-saxônicos e a consciência desse passado teriam ficado relegados a certa “marginalidade” cultural que apenas na segunda metade do século XX começaram a ser reavaliados e receber o seu devido valor. Isso teria gerado interpretações equivocadas sobre o período; de certa forma um exemplo de “mnemohistória”. Isso, através de uma visão romântica da época e que na maioria das vezes era revestida de uma tentativa de aproximação, comparação e, por vezes, uma tentativa estética de adaptação desse passado aos padrões da cultura greco-romana. O que podia ser visto através de obras artísticas da época, como as de Lord Tennyson e sua tradução de *A Batalha de Brunanburh*,<sup>24</sup> peças teatrais e

---

<sup>24</sup> A tradução de Tennyson na verdade poderia ser chamada de uma versão de *A Batalha de Brunanburh*. Lord Tennyson não era um grande conhecedor do inglês antigo e seus anseios ao verter o poema para o inglês moderno eram movidos muito mais por razões artísticas e ideológicas

romances carregados de uma aura fantasiosa e muitas vezes anacrônica.<sup>25</sup> Obras em que o passado anglo-saxão era ora retratado de forma negativa – como um período bárbaro e selvagem da história inglesa – ora exaltado por seus exemplos de bravura e heroísmo; especialmente episódios militares onde se retratava o que poderíamos chamar de o “paradigma do patriotismo”.

Este paradigma obviamente era uma invenção moderna dos ingleses oitocentistas ao interpretarem tais obras medievais. Dentre elas, entre as prediletas dos entusiastas nacionalistas, estavam as campanhas do rei Alfred o Grande contra os vikings,<sup>26</sup> e os poemas *A Batalha de Brunanburh* e *A Batalha de Maldon*. Nos dois primeiros casos, é clara a razão de sua apreciação, visto que tratam de episódios de vitória e conquista dos anglo-saxões sobre seus inimigos. Entretanto, no caso de *Maldon*, não é isso o que ocorre. E em função de sua peculiaridade é que vamos nos atentar a ele.

*A Batalha de Maldon* é um poema composto em inglês antigo, contido na *Crônica Anglo-Saxônica*, referente aos relatos do ano de 991. Diferentemente da maior parte dos demais registros da *Crônica*, feitos em prosa, o poema relata os acontecimentos envolvendo o confronto entre os anglo-saxões da região de Essex, liderados por *earl* Byrhtnoth, contra invasores vikings no sudeste da Inglaterra. Contudo, ao invés de uma vitória, o poema conta sobre como Byrhtnoth e seus

---

que acadêmicas. Visto que nesse seu trabalho são claras as influências artísticas clássicas (como a *Ilíada* de Homero) e também de tendências de seu próprio período. Podemos dizer que a versão de Tennyson seria mais uma paráfrase de *Brunanburh* do que exatamente uma tradução (cf. IRVING, Edward B. “The charge of the Saxon brigade: Tennyson’s *Battle of Brunanburh*”. In: SCRAGG, Donald & WEINBERG, Carole. **Literary Appropriations of the Anglo-Saxons from the Thirteenth to the Twentieth Century**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 174-193).

<sup>25</sup> SCRAGG, Donald & WEINBERG, Carole. **Literary Appropriations of the Anglo-Saxons from the Thirteenth to the Twentieth Century**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 215-236.

<sup>26</sup> Além de suas campanhas, a própria figura de Alfred foi extremamente exaltada no século XIX, especialmente durante o período vitoriano. No dia 20 de setembro de 1901, como ponto alto das comemorações do milênio à memória do antigo rei de Wessex, na cidade de Winchester foi inaugurada uma estátua em honra ao rei Alfred. Após desfiles militares, discursos de várias autoridades, concertos musicais compostos especialmente para a ocasião e uma oração conduzida pelo próprio bispo de Winchester, o então Primeiro Ministro inglês, Lord Rosebery falou ao público: “The noble statue which I am about to unveil can only be an effigy of the imagination, and so the Alfred we reverence may well be an idealised figure. For our real knowledge of him is scanty and vague. We have, however, draped round his form, not without reason, all the highest attributes of manhood and kingship. The Arthur of our poets, the paladin king, without fear, without stain, and without reproach, is to us the true representation of Alfred. In him, indeed, we venerate not so much a striking actor in our history as the ideal Englishman, the perfect sovereign, the pioneer of England’s greatness” (cf. ABELS, Richard. **Alfred the Great: War, Kingship and Culture in Anglo-Saxon England**. Harlow: Longman, 1998. p. 3).

homens foram derrotados e massacrados no campo de batalha pelos vikings. Um poema em honra a queda dos anglo-saxões e não uma exaltação à vitória.<sup>27</sup> E é justamente por isso que se deve sua adoração por parte do século XIX e cuja interpretação sobre o poema marcou a visão que ainda hoje prevalece sobre a obra.

No periódico *Essays and Studies* 6, de 1953, o escritor, filólogo e crítico literário, J. R. R. Tolkien publicou sua peça teatral *The Homecoming of Beorhtnoth*,<sup>28</sup> seguida de um curto ensaio sobre o poema original. Nesse ensaio, Tolkien diz sobre o poema: “The words of Beorhtwold have held to be the finest expression of northern heroic spirit, Norse or English; the clearest statement of the doctrine of uttermost endurance in the service of indomitable will”.<sup>29</sup> Nas palavras de Tolkien se reflete uma visão sobre *Maldon* em voga até a atualidade e cujas raízes estão nas interpretações e nas apropriações do século XIX.

A interpretação dada pelos oitocentistas ao discurso do poema, que se enraizou desde então entre quase todos aqueles que tomam contato com a obra, é o mito moderno do “auto sacrifício”. A ideia de que o poema estaria celebrando a morte dos guerreiros anglo-saxões, seu impulso de autodestruição numa tentativa inútil de vitória, mas em nome da honra, da glória e da “pátria”. Esta interpretação moderna se tornou o centro nervoso do debate em torno do poema e que no século XIX serviu como um exemplo da coragem e determinação inglesa para os confrontos travados por seus soldados durante o auge do império britânico.

Esta apropriação do poema medieval e sua transformação num mito moderno é chamado por John D. Niles como “a síndrome de Balaclava”.<sup>30</sup> Apropriação essa por meio da qual temos uma ideologia que justifica e legitima a

---

<sup>27</sup> Para maiores informações sobre o poema e o manuscrito cf. MEDEIROS, Elton O. S. (trad. ed.). A Batalha de Maldon. *Brathair*, v. 1, n. 12, p. 161 – 183, 2012.

<sup>28</sup> A peça é ambientada no campo de batalha de Maldon após o confronto. Os dois personagens principais, o jovem Torhthelm e o velho Tídwald, chegam durante a noite para resgatar os restos mortais de *earl* Byrhtnoth e outros nobres mortos. Ao longo da peça, as personagens falam sobre elementos do passado literário anglo-saxônico, da futilidade e dos resultados nefastos da guerra, entre outras coisas.

<sup>29</sup> TOLKIEN, J. R. R. *Tree and Leaf (including the poem Mythopoeia), The Homecoming of Beorhtnoth*. Londres: Harper Collins, 2001. p. 143.

<sup>30</sup> NILES, John D. Maldon and Mythopoesis. In: LIUZZA, R. M. *Old English Literature*. New Haven: Yale University Press, 2002. p. 461.

morte heroica e o sacrifício brutal de vidas, que assim atendia as necessidades imperiais britânicas do século XIX:

(...)  
Was there a man dismay'd?  
Not tho' the soldier knew  
Some one had blunder'd:  
Their's not to make reply,  
Their's not to reason why,  
Their's but to do and die:  
Into the valley of Death  
Rode the six hundred.  
(...)  
When can their glory fade?  
O the wild charge they made!  
All the world wonder'd.  
Honour the charge they made!  
Honour the Light Brigade,  
Noble six hundred!<sup>31</sup>

(Lord Tennyson, *The Charge of the Light Brigade*)

Em função disso, *A Batalha de Maldon* foi então apropriada pelo *Zeitgeist* britânico promovendo a interpretação mais popular atualmente, de que o conflito retratado no poema possuiria um significado mítico, que transcenderia o contexto histórico medieval do século X. Representando qualidades e virtudes viris, submetidas a uma situação que colocaria à prova a moral e o espírito humano. Ideia que encontra ecos nas imagens contidas no relato de Heródoto sobre os espartanos. Uma amostra de como esse tipo de interpretação pode ainda ser vista no âmbito acadêmico está na obra de Bruce Mitchell e Fred. C. Robinson, *A Guide to Old English*, no texto introdutório ao estudo do poema:

The fighting men at Maldon, no less than those at Balaklava and Dunkirk, triumph in this test of character in a manner of which Englishmen have always been especially proud. The Anglo-Saxons who fight to the bitter end are portrayed by the poet as glorious in defeat, and their valour redeems the honour of their country.<sup>32</sup>

---

<sup>31</sup> TENNYSON, Alfred Lord. **The Collected Poems of Alfred Lord Tennyson**, Ware: Wordsworth, 1994. p. 380-381. Tennyson escreveu o poema *The Charge of the Light Brigade*, em honra aos homens que morreram na desastrosa operação na Guerra da Criméia em 25 de outubro de 1854. Como *A Batalha de Maldon*, o poema é muito mais lembrado hoje em dia do que o fato histórico que o inspirou.

<sup>32</sup> MITCHELL, Bruce & ROBINSON, Fred C. **A Guide to Old English**. Oxford: Blackwell, 1992. p. 241. Mantivemos o texto em seu idioma original para o leitor melhor visualizar a proposta de nosso argumento em relação ao uso das palavras originais em inglês pelos autores.

Em reflexões como as de Mitchell e Robinson a respeito do poema podemos perceber a evocação de termos recorrentes como “orgulho” (*pride*), “glória” (*glory*), “valor” (*valour*) e “honra” (*honour*). Exatamente os termos que definem o ideal cavalheiresco inglês de conduta do século XIX e do início do XX. Para inúmeros jovens que cresceram durante esse período, a glória obtida numa causa nobre, ainda que fadada ao fracasso, seria um dos principais objetivos ambicionados. Isso, claro, dentro de paradigmas idiossincráticos românticos de busca por glória e honra de inspiração cavalheiresca pseudo-medieval.<sup>33</sup> Desta maneira, tais interpretações e as construções mítico-históricas, que surgiram em torno de *A Batalha Maldon*, dizem muito mais sobre as aspirações e anseios do século XIX do que do mundo medieval inglês propriamente dito. Um ideal que envolvia a morte nobre e heroica em nome da pátria, da nação e do território. Ideais característicos da época em questão. Entretanto, esta ideia da morte nobre, deste “suicídio glorioso”, ao estilo de Rolando em Roncevalles ou do general Custer na batalha de “Little Big Horn”, que a interpretação do poema inspirava era também uma “invenção” – seguindo o conceito de Cornford – pois o poema em si não termina dessa maneira, visto que ele não possui final (e nem começo) e o que ocorre é conjecturado a partir dos relatos históricos de outras fontes. O que temos aqui – esta ideia de “sacrifício heroico” e em prol de uma conduta cavalheiresca – faz parte do mito moderno que cresceu em torno da história que o poema relata de forma trágica, do ponto de vista artístico, visto que ele termina antes que fique claro o destino dos guerreiros anglo-saxônicos. Temos aqui uma apropriação moderna e uma reconstrução de símbolos e de sentimentos em torno de *Maldon*. O que faz, como dissemos anteriormente, que possamos compreender tais interpretações a fim de visualizar sua importância para as idealizações da sociedade do século XIX, mas não para a Inglaterra do século X.

### **Heroísmo Anglo-Saxônico**

Sendo assim, se as elaborações, se as “infigurações” e “invenções” que constituiriam *A Batalha de Maldon* como um símbolo de heroísmo e coragem frente

---

<sup>33</sup> NILES, John D. *Maldon and Mythopoesis*. In: LIUZZA, R. M. Op. Cit., p. 461-462.

à morte inevitável, do sacrifício pessoal em defesa do reino ou da pátria, são na verdade interpretações fruto da ideologia moderna oitocentista – se elas não são uma continuidade e nem fazem parte das convicções e ideais medievais do poema – o que realmente ou originalmente o poema estaria representando? Se ele não celebra a derrota gloriosa em combate de Byrhtnoth e seus homens, qual seria então seu propósito? Primeiramente, devemos nos voltar à Inglaterra do final do século X para poder começar a entender o que *Maldon* poderia estar representando.

No final do século X, a Inglaterra vivia um período de estabilidade. O rei Edgar o Pacífico havia permanecido no trono por dezesseis anos, mantido a paz no reino e uma política interna fortalecida. Cenário que começaria a mudar após sua morte (c. 975) e mais tarde com a ascensão de seu filho, rei Æthelred II (c. 978 – 1016). De todos os reis do período anglo-saxônico, Æthelred II é considerado – à luz da memória histórica popular – como o pior, exatamente o oposto de Alfred o Grande. Enquanto Alfred é lembrado por ter derrotado os vikings no século IX, Æthelred II é lembrado justamente por ter sido derrotado e ter possibilitado que um príncipe dinamarquês – Cnut o Grande – tomasse o trono inglês no século XI.<sup>34</sup>

Desde o início, o governo de Æthelred II foi marcado por conflitos internos e outras atribulações. Sua ascensão ao trono em c. 978 – quando tinha por volta dos doze anos de idade – foi marcada por suspeitas envolvendo o nome de sua mãe no assassinato de seu meio-irmão e predecessor, o rei Edward o Mártir (c. 975-978). Além disso, o mundo aristocrático estava dividido, reflexo dos choques de interesses de seus nobres em função da reforma beneditina.<sup>35</sup> Esses eram alguns

---

<sup>34</sup> Entretanto, principalmente a partir da segunda metade do século XX, ocorre um processo de releitura da imagem de Æthelred II e sua importância para a história da Inglaterra. Entre outros fatores, devido ao interesse gerado no meio acadêmico em função dos “grandes aniversários” históricos, despertando maior interesse dos pesquisadores com a proximidade de tais marcos comemorativos. Para citar alguns exemplos: em 1901, ainda que erroneamente, celebraram-se os mil anos de falecimento do rei Alfred o Grande (falecido de fato em 899); em 1966 havia-se completado os 900 anos da Batalha de Hastings; em 2013 tivemos os mil anos de morte de Carlos Magno, com diversas palestras e seminários pela Europa; e em 2016, iniciam-se os preparativos para os mil anos de Æthelred II. Fato que contribui para uma melhor compreensão de seu reinado, fugindo da “mnemohistória” construída em torno da figura do rei desde o século XII. Cf. LAVELLE, Ryan. Anglo-Saxonists, Æthelred II and a Rolling Millennium – 1978-2014, and Beyond. **English Studies**, v. 95, n.7, p. 721 – 732, 2014.

<sup>35</sup> Fato que não vamos nos aprofundar em função de suas particularidades e assunto que por si só renderia um artigo a parte.



dos primeiros indícios de uma crise que culminaria com a instabilidade política interna e a derrota frente a uma nova onda invasora escandinava entre os séculos X e XI e que renderia ao rei ser lembrado pelo epíteto: *Æthelred o Unræd* (o “Mal aconselhado”).<sup>36</sup>

Ao consultarmos a *Crônica Anglo-Saxônica* referente aos anos do reinado de *Æthelred II* – especialmente durante os anos de confronto contra os escandinavos – não será incomum encontramos relatos de desencontros de tropas, atrasos na construção de embarcações e nas convocações de homens para o exército e traições. O caso mais conhecido é o de *earl Eadric Streona* de Mercia que ora apoiava os saxões, ora apoiava os escandinavos; apenas esperando o momento certo para que pudesse escolher definitivamente pelo lado vencedor. Basta vermos na *Crônica Anglo-Saxônica* para comprovar isso:

1012 - Neste ano *ealdorman Eadric* e todos os conselheiros chefes da Inglaterra, eclesiásticos e laicos, vieram a Londres antes da Páscoa (...) e lá ficaram até que o tributo, respectivamente 48.000 libras, fosse todo pago (aos vikings) após a Páscoa (...).

1016 - (...) Então *ealdorman Eadric* fez o que já havia feito anteriormente: ele foi o primeiro a começar a fuga com os *mangonsæte*,<sup>37</sup> e então traiu seu senhor e todo o povo da Inglaterra. E lá Cnut teve a vitória e ganhou sozinho todo o povo da Inglaterra.<sup>38</sup>

Assim como *Æthelred II* pode ser visto como a antítese de reis como *Alfred o Grande* com sua batalha de Edington em 878 ou *Athelstan* e sua batalha de Brunanburh em 937, o mesmo seria com a batalha de Maldon em 991. Enquanto Edington e Brunanburh podem ser vistos como momentos cruciais para a ascensão da casa real de Wessex sobre todo o território inglês, Maldon marcava o enfraquecimento dessa autoridade e a crise na qual o reino se encontrava. Contudo, é importante ressaltarmos que a notória má fama de *Æthelred II* e de seu

---

<sup>36</sup> *Ræd* em inglês antigo pode significar tanto “conselho” quanto “auxílio” ou “suporte”. Palavra presente no próprio nome do rei – *Æthelred* (*æþel*, “nobre”; *ræd*, “conselho”) – o que daria a seu epíteto um tom de sarcasmo: “o conselho nobre mal aconselhado”. De qualquer maneira, *Unræd* é um termo perfeitamente adequado para o quadro político de seu governo, no sentido não exatamente dele ter sido mal aconselhado, mas talvez de ter sido “mal auxiliado” por aqueles que o cercava. Principalmente por parte da aristocracia. Cf. LAVELLE, Ryan. **Aethelred II: King of the English**. Stroud: The History Press, 2002. p. 10 – 14.

<sup>37</sup> A população de Herefordshire.

<sup>38</sup> WHITELOCK, Dorothy. **The Anglo Saxon Chronicles**. Londres: Eyre & Spottswode, 1961. p. 91-96.

governo só viria a se impregnar à figura do rei – e ser assim conhecida – muito tempo depois de sua época. Em 991, quando ocorre a batalha, Æthelred II provavelmente não tinha muito mais do que vinte anos de idade. O reino ainda usufruía dos resquícios de prosperidade e estabilidade dos tempos do rei Edgar e dificilmente seria possível por parte de seus contemporâneos preverem o que estava por vir.

A primeira fonte a se referir ao rei aliando-o a seu epíteto infame só surgirá no final do século XII (c. 1180) e os relatos da *Crônica Anglo-Saxônica* que lamentam o desastroso desenrolar do reinado de Æthelred II, apesar de terem sido feitos de forma retrospectiva, por volta de meados do século XI – muito tempo depois dos eventos descritos – mesmo eles não refletem claramente um sentimento de desprezo a sua pessoa ou de culpa contra o rei.<sup>39</sup> Pelo contrário, parece-nos que, em certa medida, lhe foi concedido certo reconhecimento:

1016 (...) Então aconteceu que o rei Æthelred morreu antes que os navios chegassem. Ele terminou seus dias no dia de São Jorge, e manteve este reino com grande trabalho e dificuldades tanto quanto sua vida o permitiu.<sup>40</sup>

Assim, podemos dizer que a visão de Æthelred II como um rei ineficaz e mal aconselhado e de um governo desastroso seria decorrente muito mais de uma elaboração histórica feita *a posteriori*, no período anglo-normando, do que uma opinião compartilhada na época em questão. Desde os tempos da vitória do rei Athelstan em Brunanburh, em 937, que a casa de Wessex havia assegurado sua autoridade sobre toda a Inglaterra, tornando-se um reino unificado e fortalecido (interna e externamente), e era o que aparentava ser a opinião que persistia entre a aristocracia e seus governantes no final do século X e início do XI. Entretanto, a batalha de Maldon em 991 acaba descortinando de forma traumática o que de fato ocorria: um novo quadro de insegurança, acentuado pelas novas invasões vikings que se tornavam constantes e conflitos políticos internos.

Sendo assim, o poema *A Batalha de Maldon* poderia ser visto através das ações de Byrhtnoth e seus homens contra o inimigo invasor como um tipo de

---

<sup>39</sup> NILES, John D. Maldon and Mythopoesis. In: LIUZZA, R. M. Op. Cit., p. 447.

<sup>40</sup> WHITELOCK, Dorothy. **The Anglo Saxon Chronicles**. Londres: Eyre & Spottswode, 1961. p. 95.

microcosmo da Inglaterra da época. Por três momentos é feita referência a Æthelred II de forma significativa. Em uma delas fica claro o papel de Byrhtnoth no poema e pelo que ele está lutando:

þæt her stynt unforcuð eorl mid his werode,  
þe wile gealgean eþel þysne,  
Æþelredes eard, ealdres mines,  
folc and foldan.

[...] aqui se encontra um bravo guerreiro com sua tropa que defenderá sua terra-natal, a terra de Æthelred, meu senhor, o povo e o solo.]

(*A Batalha de Maldon*, vv. 51-54a)<sup>41</sup>

Aqui a personagem de Byrhtnoth não é apenas mais um líder anglo-saxão da história inglesa de fins do século X; ele não representa apenas o *earl* de Essex, mas torna-se o porta-voz da Inglaterra. Além disso, entre seus guerreiros, se encontram homens de diversas regiões além de Essex, de procedência tanto anglo-saxônica quanto de descendência anglo-escandinava e de vários estratos da sociedade, desde a mais alta aristocracia ao mais simples dos homens livres. No poema, Byrhtnoth é apresentado como o expoente de uma estrutura hierárquica composta de cinco elementos de comando que une 1) o *fyrð*, o exército em geral; 2) os *heorðgeneatas*, a tropa de elite; 3) o próprio Byrhtnoth, como representante da aristocracia; 4) Æthelred II, como o rei da Inglaterra; e 5) Cristo, como o “Senhor dos Exércitos”.<sup>42</sup> O *earl* de Essex seria então a representação, a idealização dos lordes sob a autoridade do rei inglês. Retratado como um líder experiente, vigoroso, leal às ordens de seu senhor e que responde à ameaça dos vikings de forma enérgica.

A função do discurso de *A Batalha Maldon*, como se pode sugerir, indo além do que a mentalidade do século XIX gostaria de enxergar, seria não apenas a celebração do heroísmo anglo-saxônico; afinal, não há dúvidas de que *A Batalha de Maldon* pode ser considerado como um poema de cunho heroico. O poema também seria uma representação da situação política do governo de Æthelred II através de

---

<sup>41</sup> MEDEIROS, Elton O. S. (trad. ed.). *A Batalha de Maldon*. Op. Cit., p. 165-166. Ressaltamos que todas as traduções presentes feitas a partir dos originais em Inglês Antigo para o Português são de nossa autoria.

<sup>42</sup> NILES, John D. *Maldon and Mythopoesis*. In: LIUZZA, R. M. Op. Cit., p. 447-448.

uma obra artística. Tendo esse paradigma em mente, poderíamos dividir o poema em duas partes principais. Na primeira, com a chegada dos inimigos ao campo de batalha e as provocações dirigidas pelos vikings a Byrhtnoth e seus homens, a mensagem do poeta é questionar como os anglo-saxões deveriam se portar e responder a ameaça externa dos escandinavos. Já na segunda parte, com o desenrolar do combate e a morte do *earl* de Essex, a atenção do poema se volta para os guerreiros que compõe o exército anglo-saxão para questionar suas atitudes. Enaltecendo o heroísmo daqueles que permaneceram e lutaram, e reprovando os que abandonaram a batalha. Contudo, diferentemente da ideia de uma exaltação do sacrifício pessoal e da morte heroica, o que o poema estaria exaltando seria a relação de lealdade dentro da hierarquização citada há pouco como um elemento de suma importância dentro da sociedade anglo-saxônica.

Com base em outros relatos, como os da *Crônica Anglo-Saxônica*, sabemos das consequências após Maldon. Sabemos da derrota dos anglo-saxões, das demais incursões escandinavas durante o final do século X e início do XI e que uma das medidas tomadas muitas vezes na tentativa de obter a paz com os vikings foi através do pagamento de tributos. Além das atitudes conflituosas entre os próprios anglo-saxões (a exemplo de Eardric Streona, citado anteriormente). No *Liber Eliensis* – documento de autoria anônima do século XII e de uma tradição independente da *Crônica* – também é relatado o confronto em Maldon, com um número maior de detalhes que outras fontes e a clara exaltação da imagem do *earl* de Essex. Não apenas pela importância do acontecimento histórico, mas devido à importância para a história local da região, uma vez que o lugar de origem do documento (a cidade de Ely) é onde teriam sido sepultados os restos mortais de Byrhtnoth. O documento descreve Byrhtnoth desde alguns anos anteriores a Maldon, ressaltando sua atuação em relação aos demais que participaram da batalha, destacando sua coragem, generosidade e sua postura a favor da reforma beneditina do século X e também sua posição de protetor não apenas de seus homens, mas de todos os líderes do condado e sua aclamação como tal devido a seus méritos e sua fé.<sup>43</sup> Diferente dos relatos da *Crônica* e outros posteriores –

---

<sup>43</sup> Ibidem, p. 453-454.

como nas obras de historiadores anglo-normandos do século XII como John de Worcester, Henry de Huntingdon e Symeon de Durham – que se restringem à descrição factual, o *Liber Eliense* seria em certa medida um tipo de *encomium* à figura de *earl* Byrhtnoth e ao mesmo tempo uma forma de exaltação do passado histórico local.

Contudo, em meio a todo esse conjunto documental citado referente à batalha de 991, o poema *A Batalha de Maldon* é aquele que funcionaria como um catalisador para o surgimento de um mito que tornava a morte de Byrhtnoth e de seus homens o elemento central de uma lenda sobre os infortúnios que se abatiam sobre a Inglaterra dos tempos de Æthelred II. Apesar de aquilo que chegou até nós ser apenas um fragmento, ainda assim a elaboração da narrativa, os detalhes nela contidos e a forma como eles são introduzidos sugerem não apenas que o poema tenha se originado de forma independente das demais fontes documentais já citadas, mas que o poema tenha uma função central para a construção de uma narrativa mítico-histórica na Inglaterra anglo-saxônica. Construída de forma semelhante à obra de Heródoto, por exemplo, onde temos “invenções” e “infigurações” de modo a servir aos propósitos da mensagem que era desejada ser passada ao público de seu período.

Anteriormente dissemos que o poema poderia ser dividido em duas partes. Reafirmamos essa divisão, incluindo um rápido intervalo entre elas. Sendo assim, a primeira parte se estenderia entre os versos 1 – 95, onde temos o encontro das tropas dos anglo-saxões e dos escandinavos e a proposta do mensageiro dos vikings:

“Me sendon to þe sæmen snelle,  
heton ðe secgan þæt þu most sendan raðe  
beagas wið gebeorge; and eow betere is  
þæt ge þisne garræs mid gafole forgyldon,  
þon we swa hearde hilde dælon.  
Ne þurfe we us spillan, gif ge spedap to þam;  
we willað wið þam golde grið fæstnian.  
Gyf þu þat gerædest, þe her ricost eart,  
þæt þu þine leoda lysan wille,  
syllan sæmannum on hyra sylfra dom  
feoh wið freode, and niman frið æt us,  
we willap mid þam sceattum us to scype gangan,  
on flot feran, and eow friþes healdan.”  
Byrhtnoð mapelode, bord hafenode,

wand wacne æsc, wordum mælde,  
yrre and anræd ageaf him andsware:  
"Gehyrst þu, sælida, hwæt þis folc segeð?  
Hi willað eow to gafole garas syllan,  
ættrynne ord and ealde swurd,  
þa heregeatu þe eow æt hilde ne deah (...)

[“Bravos homens do mar me enviaram até você, ordenaram que lhe dissesse que você deve enviar-lhes rapidamente anéis como forma de proteção; é melhor para vocês que esta batalha seja paga com um tributo, do que nós entrarmos em duro combate. Nós não precisamos nos matar, se você for assim tão rico; nós desejamos assegurar a paz com este ouro. Se você que é o mais poderoso, que aqui está em comando, deseja poupar o seu povo, entregar aos homens do mar por sua própria vontade dinheiro em troca da paz, e aceitar a nossa paz, nós iremos para nossos barcos com as moedas, rumaremos para o mar, e manteremos a paz com vocês.” Byrhtnoth disse, ergueu seu escudo, brandiu sua vigorosa lança, falou em palavras com raiva e decidido deu sua resposta: “Você ouve, pirata, o que estas pessoas dizem? Eles desejam lhes enviar lanças como pagamento, pontas venenosas e antigas espadas, as ferramentas de combate que não serão gentis para vocês em batalha (...)”<sup>44</sup>

(*A Batalha de Maldon*, vv. 29-48).

Após essa sequencia teremos o combate, mas antes ocorre um episódio muito importante no poema. Apesar da exaltação que a figura de Byrhtnoth recebe ao longo do texto, é aqui que iremos encontrar a única passagem clara a reprovar o líder anglo-saxão. O poema nos conta que os escandinavos não podiam chegar onde os anglo-saxões estavam devido à maré e o rio que os separavam, restando apenas uma estreita faixa de terra a atravessar e facilmente defendida pelos homens de Byrhtnoth:

þæt hi þær bricgweardas bitere fundon,  
ongunnon lytegian þa laðe gystas,  
bædon þæt hi upgang agan moston,  
ofer þone ford faran, feþan lædan.  
Ða se eorl ongan for his **ofermode**<sup>45</sup>  
alyfan landes to fela laþere ðeode.

[Quando eles (os vikings) perceberam isso e assim que viram que lá eles tinham encontrado ferozes guardiões da passagem, os hostis convidados começaram a trapacear, exigindo que eles deveriam poder passar para a terra e liderar sua tropa por sobre o vau. Então o nobre, por seu excesso de confiança, começou a conceder muito terreno para o povo hostil]<sup>46</sup>

(*A Batalha de Maldon*, vv. 85-90)

<sup>44</sup> MEDEIROS, Elton O. S. (trad. ed.). *A Batalha de Maldon*. Op. Cit., p. 165-166.

<sup>45</sup> Grifo nosso.

<sup>46</sup> *Ibidem*, p. 167-168.

A palavra chave aqui é *ofermod*. Em todo o *corpus* poético anglo-saxônico, essa palavra aparece em pouquíssimas obras. No trecho acima, traduzimos *ofermod* como “excesso de confiança”. Entretanto, *ofermod* é mais do que isso. Dentro da literatura em inglês antigo, o contexto semântico da palavra *mod* muitas vezes está aliado à ideia de algo perigoso, relacionado a “forças rebeldes”; e o prefixo *ofer* acaba por intensificar este significado,<sup>47</sup> o que torna a atitude de Byrhtnoth algo reprovável. Seu “excesso de confiança”, na verdade, estaria alinhado ao conceito de “orgulho”, “soberba” e “deslealdade”, “rebeldia”. No caso de *Maldon*, o poema tenta nos mostrar que o orgulho de Byrhtnoth ao permitir a travessia do inimigo, permitindo que ele avançasse para o território inglês – contrariando o que seu rei teria ordenado, que seria impedir o avanço dos vikings – teria sido um dos elementos que influenciaram o destino da batalha.

Entre os versos 96-184 teremos o momento intermediário do poema, quando ocorre o combate e a morte de Byrhtnoth, estabelecendo a conexão com a segunda parte do poema. Enquanto na primeira a ação se dá em torno do enfrentamento verbal e físico entre os dois exércitos e a decisão de Byrhtnoth guiada por *ofermod*, na segunda parte a narrativa está centrada no comportamento dos anglo-saxões frente à morte de seu líder. Onde o discurso da narrativa se divide entre a reprovação da covardia daqueles que abandonam o campo de batalha e a exaltação daqueles que permanecem lutando até o final. Nesta segunda parte encontraremos o maior número de elementos poéticos da obra. Tudo se torna grandioso e polarizado. Fórmulas narrativas proliferam, como, por exemplo, a persistência dos números típicos desta tradição (três homens defendem o vau; Byrhtnoth é ferido por três vezes; Byrhtnoth e dois guerreiros caem mortos lado a lado; três irmãos se acovardam e fogem; doze guerreiros permanecem firmes em seus postos contra o inimigo após a queda de seu líder). E também é nessa segunda parte que se revela o conceito fundamental do poema: lealdade.

Dentro da sociedade anglo-saxônica, mais do que uma mera herança ou um costume tribal do passado germânico, as inter-relações e vínculos de lealdade dessa sociedade eram a pedra fundamental na qual ela se sustentava e que

---

<sup>47</sup> NILES, John D. *Maldon and Mythopoesis*. In: LIUZZA, R. M. Op. Cit., p. 456.

prevenia o colapso rumo ao “caos e anarquia”. Esta noção da lealdade como elemento inerente da sociedade, para a existência de uma ordem social, era algo semelhante à visão sobre a importância das leis para nossa sociedade moderna.<sup>48</sup> Podemos notar a presença e o quão era considerado importante esse conceito de lealdade em outras obras da época. Wulfstan (arcebispo de York durante os reinados de Æthelred II e Cnut) em seu mais famoso texto, *Sermo Lupi ad Anglos*, enumera um amplo conjunto de horrores e desgraças que recairiam sobre um povo uma vez que o princípio da lealdade se perdesse.<sup>49</sup> E na *Crônica Anglo-Saxônica*, como um exemplo prático, na entrada referente ao ano de 1010 é dito que “não havia nenhum líder que reunisse um exército, mas cada um fugiu o tanto quanto pode, e no final nenhum condado ajudaria nem mesmo o vizinho”.<sup>50</sup>

Na poesia, especialmente de perfil religioso, também encontramos essa preocupação com a lealdade. Em poemas em inglês antigo como *O Sonho da Cruz* e outros semelhantes, a forma como Cristo é representado sugere que a devoção ao líder – seja ele terreno ou divino – não se baseia exatamente em uma simples adoração ou obediência, mas numa relação de afeição e lealdade. O oposto disso também pode ser encontrado na produção literária da época e pode ajudar a melhor explicar essa ideia de lealdade. Como dissemos anteriormente, a palavra *ofermod* aparece em apenas algumas poucas obras da poesia anglo-saxônica, mas sua presença é muito elucidativa. No poema *Gênesis* é descrito a batalha celestial e a queda dos anjos e seu aprisionamento no Inferno. No poema, Lúcifer é retratado como um guerreiro, um lorde (*thane*) indigno que trai seu senhor e líder, ato que introduz o caos e o mal na Criação de Deus. E o termo aplicado para está sua postura, sua atitude para ter feito isso, por ter se voltado contra o Senhor, é *ofermod*. Em outro poema, *Salomão e Saturno II*, também encontramos esse mesmo uso de *ofermod*. Quando a personagem de Salomão conta sobre a rebelião de Lúcifer ele diz:

---

<sup>48</sup> ROBINSON, Fred C. God, Death, and Loyalty in *The Battle of Maldon*. In: LIUZZA, R. M. Op. Cit., p. 436.

<sup>49</sup> O *Sermo Lupi ad Anglos* de Wulfstan pode ser consultado em uma tradução para o português em BRITO FILHO, Gesner L. C. *Sermo Lupi ad Anglos – O sermão do Lobo aos ingleses de Wulfstan, o homilista*. **Brathair**, v. 1, n. 13, p. 105-113, 2013.

<sup>50</sup> WHITELOCK, Dorothy. **The Anglo Saxon Chronicles**. Londres: Eyre & Spottswode, 1961. p. 90.



Nolde gæd geador in Godes rices  
eadiges engles ond ðæs **ofermodan**.<sup>51</sup>  
Oðer his Dryhtne hierde, oðer him ongan wyrcan ðurh dierne cræftas  
segn ond side byrnan (...)

[No reino de Deus ele não desejava sociedade junto aos anjos abençoados e aquele **orgulhoso**. Um obedecia a seu Senhor, o outro começou a fazer para si um estandarte e uma grande armadura (...)].

(*Salomão e Saturno II*, vv. 273-275b)

Assim, numa visão cristã mais geral, o principal pecado de Lúcifer foi o orgulho; entretanto, na visão cristã anglo-saxônica presente em sua poesia a gravidade de seu pecado não implicaria em apenas orgulho, mas em deslealdade, em romper com o elo estabelecido entre servo e senhor. Isso seria algo abominável para essa sociedade, como podemos ver nas palavras de Wiglaf no final do poema *Beowulf* ao falar aos guerreiros que abandonaram seu rei – Beowulf – no momento crucial da batalha:

londrihtes mot  
þære mægburge monna æghwylc  
idel hweorfan syððan æðelingas  
feorran gefricgean fleam eowerne  
domleasan dæd. Deað bið sella  
eorla gehwylcum þonne edwitlif

[(...) dos direitos de suas terras devem todos os homens de sua parentela ser privados quando os nobres de lugares distantes souberem de sua fuga, do ato de desonra. A morte é melhor para qualquer homem do que uma vida de vergonha].

(*Beowulf*, vv. 2886b-2890).

Na segunda parte de *A Batalha de Maldon*, essa manifestação do conceito de lealdade se faz presente pelas ações das personagens e seu comportamento frente à morte de seu líder e o desenrolar da batalha. É interessante notar que os três<sup>52</sup> personagens citados nominalmente que se acovardam e fogem – levando consigo parte dos guerreiros presentes – são nobres e, assim como os outros nobres presentes e próximos a Byrhtnoth, encarregados da liderança do exército. Por

---

<sup>51</sup> Grifo nosso.

<sup>52</sup> Os filhos de Odda: Godric, Godwine e Godwig (versos 185-201); fuga que lembra em muito os relatos da *Crônica Anglo-Saxônica*, como aqueles sobre Eadric Streona.

outro lado, os doze,<sup>53</sup> que permanecem não fazem parte exclusivamente da aristocracia, mas representam todos os grupos da sociedade anglo-saxônica e de várias partes do reino. Como já dissemos, representando um tipo de microcosmos do reino inglês.<sup>54</sup> Todos decidem ficar em seus postos e enfrentar o inimigo. Entretanto, contrariando a interpretação tradicional a partir dos tempos vitorianos, essa decisão das personagens não representaria uma ode à morte heroica por seu líder ou sua nação, mas à vingança. Quando os “doze leais” decidem ficar e lutar, mesmo que isso certamente tome suas vidas, tal decisão não é impulsionada por uma fúria selvagem do calor da batalha, por ódio contra seus inimigos ou um tipo fatalista de ataque suicida ou muito menos um sentimento de “patriotismo”. A decisão de ficar e lutar é articulada e conscientemente tomada em conjunto, através dos discursos de cada um deles, enfatizando a lealdade para com seu senhor e líder e entre eles mesmos. Lealdade que os impulsiona para a decisão de lutar e vingar a morte de Byrhtnoth e de outros companheiros:

Ʒa ðær wendon forð wƷance þegenas,  
unearge men efston georne;  
hi woldon þa ealle **oðer twega**,<sup>55</sup>  
lif forlætan oððe leofne gewrecan

[Então os valentes guerreiros avançaram, os corajosos homens avidamente apressaram-se; eles todos queriam **uma de duas coisas**: perder a vida ou vingar seu querido (senhor)].<sup>56</sup>

(*A Batalha de Maldon*, vv. 205-208)

Tradicionalmente, o termo destacado (*oðer twega*) é traduzido como “uma de duas coisas”, como uma entre duas alternativas. Contudo, John D. Niles atenta para outra tradução possível que altera sua interpretação: “a segunda de duas coisas (ou alternativas)”.<sup>57</sup> Esta nova tradução se alinharia com o conceito de lealdade anglo-saxônica e com toda a lógica do discurso do poema. A ideia expressa

---

<sup>53</sup> Os “doze guerreiros leais”: Offa, Ælfwine, Leofsunu, Dunmere, Æscferth, Edward, Wistan, o filho de Wigelm, Oswold, Eadwold, Byrhtwold e Godric (filho de Æthelgar) (versos 202-235).

<sup>54</sup> ROBINSON, Fred C. God, Death, and Loyalty in *The Battle of Maldon*. In: LIUZZA, R. M. Op. Cit., p. 434.

<sup>55</sup> Grifo nosso.

<sup>56</sup> MEDEIROS, Elton O. S. (trad. ed.). *A Batalha de Maldon*. Op. Cit., p. 175-176.

<sup>57</sup> NILES, John D. Maldon and Mythopoesis. In: LIUZZA, R. M. Op. Cit., p. 464-465; Na literatura anglo-saxônica a palavra *oðer* serve tanto como o numeral ordinal “segundo” quanto para significar “outro”.

pela decisão dos “doze leais” – ao verem seu senhor cair em batalha, parte do exército e de seus comandantes desertarem e os vikings ainda combatendo – não era morrer (ainda que de forma heroica), mas cumprir com seus votos de lealdade e buscar aquilo que moralmente era esperado deles. Diferente dos guerreiros em *Beowulf*, que com a morte de seu rei fogem apavorados, em Maldon os sobreviventes buscam vingança.<sup>58</sup> Assim, para os anglo-saxões, *A Batalha de Maldon* não era uma obra de apologia à morte heroica e ao auto-sacrifício – mesmo que tal possibilidade fosse uma realidade – mas à lealdade em tempos difíceis e de incerteza:

Hige sceal þe heardra, heorte þe cenre,  
mod sceal þe mare, þe ure mægen lytlað.

[O espírito deve ser mais forte, o coração mais valente, a coragem deve ser grandiosa, enquanto nossas forças diminuem].<sup>59</sup>  
(*A Batalha de Maldon*, vv. 312-313)

### Considerações Finais

A utilização do passado histórico ou a forma como ele é interpretado pode nos fornecer informações valiosas sobre os anseios de uma dada sociedade e uma época. O que torna a análise deste tipo de interpretação tão importante, extrapolando o campo da disciplina histórica ou do círculo estritamente acadêmico. Sendo, sem dúvida, um tema extremamente vasto e dificilmente possível de ser explorado em um único artigo com maior magnitude. Porém, no caso deste nosso artigo, a partir da ideia de construção de um passado mítico-histórico – tendo por base os conceitos de Conford – tentamos abranger um pouco disso ao demonstrar como um mesmo texto histórico pode ter sido utilizado com intuítos completamente diferentes, dando margem a interpretações e tradições que acabam por se tornar oficiais. *A mitos*, na acepção abordada na introdução, que na verdade não necessitam de séculos para sua concepção; se desenvolvendo relativamente e surpreendente rápido, dependendo principalmente de seus

---

<sup>58</sup> “Não sofra, sábio homem. É sempre melhor vingar o seu amigo, do que se lamentar muito por ele.” (*Beowulf*, versos 1384-1385).

<sup>59</sup> MEDEIROS, Elton O. S. (trad. ed.). *A Batalha de Maldon*. Op. Cit., p. 180-181.

paradigmas ideológicos e a necessidade dos mesmos por legitimação no campo das mentalidades e sensibilidades do momento em questão.<sup>60</sup>

O discurso contido em *A Batalha de Maldon* teria sido construído com o intento de refletir o momento histórico de crise que vivia a Inglaterra de finais do século X. E como, por meio de uma obra artística apologética, a narrativa da batalha de 991 pretendia exaltar exemplos modelares de conduta centrados no princípio fundamental para a estabilidade política anglo-saxônica. A “sacralidade” dos vínculos de lealdade entre os diversos níveis sociais daquele momento histórico, desde os estratos mais populares, passando pela aristocracia e a realeza, atingindo o âmbito religioso ao também se vincular com Deus. O poema, desta forma, demonstraria a importância dessa lealdade, principalmente em tempos de crise, e buscaria sua manifestação no campo de batalha através da vingança como prática legítima para assegurar e legitimar os votos de lealdade para com a figura do líder. Desse modo, os “doze leais” em Maldon não representam a busca pela morte heroica ou o auto-sacrifício, mas a vingança – para assim evitar uma vida de vergonha e a culpa de serem traidores que não cumpriram com seus votos.

Em tempos modernos, a partir do século XIX, outra interpretação é dada ao discurso da narrativa do poema atendendo novas necessidades morais e ideológicas. Podemos dizer que a antiga preocupação com a lealdade não faria mais tanto sentido e a ideia de vingança atrelada a ela considerada algo bárbaro, não condizente com a sociedade oitocentista. Para o mundo cavalheiresco inglês vitoriano, o impulso de sujar as mãos com o sangue do inimigo seria visto como algo vulgar. O ideal cavalheiresco visava não uma atitude que poderia ser vista simplesmente como um acerto de contas pessoal, mas sim o sofrimento em nome de uma causa considerada como nobre, sublime.

Assim, para o mundo medieval inglês do poema, o ponto fundamental seriam os votos individuais de lealdade dentro da estrutura da sociedade entre os homens e que instigaria o indivíduo a remediar o mal causado contra seu senhor. Já para o mundo moderno o ponto central seria também um tipo de lealdade; contudo, uma lealdade diferente dos tempos do medievo e que se apresenta na

---

<sup>60</sup> NILES, John D. Maldon and Mythopoesis. In: LIUZZA, R. M. Op. Cit., p. 449.

forma romântica do patriotismo. Enquanto a lealdade individual anglo-saxônica levaria à vingança, o patriotismo vitoriano levaria ao sacrifício nobre, o suicídio em nome do bem do coletivo.

Tentamos, então, através desse estudo de caso, por meio de uma análise de elementos do discurso histórico e do simbolismo do poema *A Batalha de Maldon*, uma abordagem sobre como a ideia de mito e de história não fazem parte de uma dicotomia. Ambos, na verdade, fazem parte de processos de construção e interpretação do passado que atuam em conjunto. Especialmente, ou de forma mais evidente, ao lidarmos com fontes ditas mais “artísticas”. Em nosso caso, um poema medieval. Tendo por instrumental, aqui, os conceitos desenvolvidos por Francis Cornford. Entretanto, é necessário cautela para não entrarmos em generalizações,<sup>61</sup> i.e. tentar analisar e considerar toda narrativa (histórica) necessariamente como mítica e/ou ideológica no sentido empregado neste artigo. Mas também pensar na possibilidade da narrativa histórica como possuidora de um sentido “alegórico”<sup>62</sup> – dizendo uma coisa, mas significando outra.<sup>63</sup> Debate que, infelizmente, foge ao escopo do texto que aqui se encontra. Mas que, dentro dos estudos anglo-saxônicos, especificamente falando, oferece um campo rico de possibilidades para novas explorações.

### Referências Bibliográficas

- ABELS, Richard. **Alfred the Great: War, Kingship and Culture in Anglo-Saxon England**. Harlow: Longman, 1998.
- ANLEZARK, Daniel. **The Old English Dialogues of Solomon and Saturn**. Cambridge: D. S. Brewer, 2009.
- AUERBACH, Erich. **Figura**. São Paulo: Ática, 1997.
- BLOCH, Marc. **Os Reis Taumaturgos**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História**. São Paulo: Jorge Zahar, 2002.

---

<sup>61</sup> BLOCH, Marc. **Os Reis Taumaturgos**. São Paulo: Cia das Letras, 1998. p. 68.

<sup>62</sup> AUERBACH, Erich. **Figura**. São Paulo: Ática, 1997. p. 46 – 49.

<sup>63</sup> WHITE, Hayden. **Content of the Form**. Baltimore: John Hopkins University Press, 1987. p. 44 – 47.

BRITO FILHO, Gesner L. C. Sermo Lupi ad Anglos – O sermão do Lobo aos ingleses de Wulfstan, o homilista. **Brathair**, n. 13, v. 1, p. 105-113, 2013. Disponível em <<http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/viewFile/764/680>> Acessado em 18/10/2014.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Cultrix, 2000.

CORNFORD, Francis M. **Thucydides Mythistoricus**. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1965.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

FRANTZEN, Allen J. & NILES, John D. **Anglo-Saxonism and the Construction of Social Identity**. Gainesville: University of Florida Press, 1997.

GEARY, Patrick J. **O Mito das Nações**. São Paulo: Conrad, 2005.

GEERTZ, Clifford. **The Interpretation of Cultures**. Nova York: Basic Books, 1973.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas e Sinais**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

GINZBURG, Carlo. **O Fio e os Rastros**. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

HANEGRAAFF, Wouter J. **Western Esotericism**. Nova York: Bloomsbury, 2013.

HERÓDOTO. **História**. Brasília: Universidade de Brasília, 1988.

IRVING, Edward B. The charge of the Saxon brigade: Tennyson's *Battle of Brunanburh*. In: SCRAGG, Donald & WEINBERG, Carole. **Literary Appropriations of the Anglo-Saxons from the Thirteenth to the Twentieth Century**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

LAVELLE, Ryan. **Aethelred II: King of the English**. Stroud: The History Press, 2002.

LAVELLE, Ryan. Anglo-Saxonists, Æthelred II and a Rolling Millennium – 1978-2014, and Beyond. **English Studies**, v. 95, n. 7, p. 721 – 732, 2014.

LERER, Seth. **Literacy and Power in Anglo-Saxon Literature**. Lincoln: University of Nebraska Press, 1991.

LIUZZA, R. M. **Old English Literature**. New Haven: Yale University Press, 2002.

MEDEIROS, Elton O. S. (trad. ed.). A Batalha de Maldon. **Brathair**, v. 1, n. 12, p. 161 – 183, 2012. Disponível em <<http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/viewFile/728/663>> Acessado em 13/09/2012.

- MEDEIROS, Elton O. S. (trad. ed.). *Her mon mæg giet gesion hiora swæð*: Uma breve história sobre os estudos anglo-saxônicos. **Brathair**, v. 2, n. 12, p. 31 – 44, 2012. Disponível em <http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/viewFile/803/671> Acessado em 18/10/2014.
- MITCHELL, Bruce & ROBINSON, Fred C. **A Guide to Old English**. Oxford: Blackwell, 1992.
- MURARI PIRES, Francisco. **Mithistória**. São Paulo: Humanitas, 2006.
- NILES, John D. **Homo Narrans: The Poetics and Anthropology of Oral Literature**. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1999.
- NILES, John D. Maldon and Mythopoesis. In: LIUZZA, R. M. **Old English Literature**. New Haven: Yale University Press, 2002.
- RIPPIN, Ann & FLEMING, Peter. Brute force: Medieval foundation myths and three modern organizations' quests for hegemony. **Management & Organizational History**, v. 1, n. 1, p. 51-70, 2006.
- ROBINSON, Fred C. God, Death, and Loyalty in *The Battle of Maldon*. In: LIUZZA, R. M. **Old English Literature**. New Haven: Yale University Press, 2002.
- SCRAGG, Donald & WEINBERG, Carole. **Literary Appropriations of the Anglo-Saxons from the Thirteenth to the Twentieth Century**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- TENNYSON, Alfred Lord. **The Collected Poems of Alfred Lord Tennyson**. Ware: Wordsworth, 1994.
- TOLKIEN, J. R. R. **Tree and Leaf (including the poem Mythopoeia), The Homecoming of Beorhtnoth**. Londres: Harper Collins, 2001.
- WHITE, Hayden. **Meta-História: A Imaginação Histórica do século XIX**. São Paulo: EDUSP, 1995.
- WHITE, Hayden. **Content of the Form**. Baltimore: John Hopkins University Press, 1987.
- WHITELOCK, Dorothy. **The Anglo Saxon Chronicles**. Londres: Eyre & Spottswode, 1961.